

**Laura Diniz Tavares**

**CONSTRUÇÕES DE UTOPIAS: UMA TRAJETÓRIA  
REFLEXIVA SOBRE A EDUCAÇÃO E O ENSINO DA ARTE  
EM BRASÍLIA**

**Brasília – DF**

**2012**



Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Cênicas

**Laura Diniz Tavares**

**CONSTRUÇÕES DE UTOPIAS: UMA TRAJETÓRIA REFLEXIVA SOBRE A  
EDUCAÇÃO E O ENSINO DA ARTE EM BRASÍLIA**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Licenciado, orientado pela professora Ma. Fabiana Marroni Della Giustina e co-orientado pela professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

**Brasília – DF**  
**2012**

Monografia de autoria de Laura Diniz Tavares, intitulada “Construções de utopias: uma trajetória reflexiva sobre a educação e o ensino da Arte em Brasília”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 04/10/2012, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

---

Professora Ma. Fabiana Marroni Della Giustina – Orientadora  
Instituto de Artes, Universidade de Brasília

---

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Co-orientadora  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

---

Professor Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro – Examinador  
Instituto de Artes, Universidade de Brasília

---

Professora Dra. Roberta Kumasaka Matsumoto – Examinadora  
Instituto de Artes, Universidade de Brasília

Brasília

2012

*[...] desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive inspirações, prepare realmente a criança para a civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente.*

*Anísio Teixeira*

*Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então não haverá base alguma para a emergência da criação.*

*Lev S. Vigotski*

*Toda unanimidade é burra. Quem pensa com a unanimidade não precisa pensar.*

*Nelson Rodrigues*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>CAPÍTULO I - UMA HISTÓRIA DE TRAJETÓRIAS E CONTEXTOS</b> .....	7
1.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO ENTRE A ARTE E A EDUCAÇÃO.....	7
1.2 A CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS QUE FIZERAM O NOSSO CONTEXTO: BRASÍLIA, UMA RELAÇÃO DE TEMPO E DE ESPAÇO .....	11
<b>CAPÍTULO II - VOLTANDO À ESCOLA</b> .....	15
2.1 MINHA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: VIVÊNCIAS NA ESCOLA PARQUE E NA ESCOLA CLASSE.....	15
2.2 REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS NA ESCOLA: QUAL A FUNÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO .....	22
<b>CAPÍTULO III - LEVANDO O BARCO AO PORTO</b> .....	26
3.1 CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA .....	26
3.2 UMA PROPOSTA PARA SER DESENVOLVIDA – VAMOS PENSAR JUNTOS?.....	26
<b>CONCLU(INDO) - QUE CAMINHO TOMAR?</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35
<b>ANEXOS</b> .....	377

## INTRODUÇÃO

Cada vez mais, as inovações nas discussões acerca da educação fazem com que o desenvolvimento humano seja favorecido e destacado. Os educadores sabem que antigos modelos rígidos e tradicionais de ensino não se aplicam mais ao presente contexto. Diante de evoluções e desdobramentos de ideais, abordagens, e conceitos, foram criados parâmetros, para estabelecer o que é melhor para o desenvolvimento dos indivíduos e, por conseguinte, da sociedade.

A partir destes parâmetros e objetivos estabelecidos, que atingiram proporções internacionais<sup>1</sup>, foi possível tomar conhecimento de como se dão os progressos e os declínios da educação nas diferentes nações. O homem que não vive isolado está inserido em uma estrutura familiar, uma cultura e suas tradições, um sistema governamental e assim por diante. Dentro desses diversos núcleos, ele aprende, desenvolve-se, e gera seus filhos. O acúmulo da experiência humana, com o decorrer do tempo, vai gerando novos parâmetros, de forma que a humanidade vai seguindo seus ciclos mutantes, pois os valores já não serão mais os mesmos e consequentemente a educação também não.

O mundo e seus sistemas estabelecidos seguem regras e normas a fim de chegarem a um consenso do que é melhor para o ser humano. Esse todo é composto de pequenos núcleos de convivência que refletem esse sistema macro de organização da humanidade.

Assim, as instituições escolares também correspondem a um núcleo que traz em seu bojo a organização de cada sociedade e seu tempo.

A partir dessa percepção, nas experiências de estágio supervisionado, dentro do Ensino Fundamental, optei primeiramente em analisar o ambiente escolar considerando as relações entre os dois primeiros núcleos vividos pela criança: a família e a escola. Em um segundo momento, observei a relação escola e ensino da/pela Arte, o corpo e a expressividade, partindo para uma proposta prática.

---

<sup>1</sup> A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, por exemplo, é uma organização formada a partir de um acordo internacional que foi assinado pelo Brasil e mais vinte países, em 1945. É mediante lideranças intelectuais de paz e respeito que a UNESCO intermedia as relações entre as nações. Essa instituição tem como meta erradicar o analfabetismo, aliviar a pobreza, promover o desenvolvimento sustentável e a compreensão pacífica entre os países, por meio da educação, ciência e cultura. Anualmente, divulgam o Índice de Desenvolvimento de Educação para Todos (IDE), que classifica como cada país cumpre as melhorias na educação.

A presente monografia tem uma proposta reflexiva, de sugerir questões e não respostas. Quero ter pensamentos e utopias acerca de possibilidades e também reafirmar valores que precisam ser fortalecidas para nós educadores de Arte e, conseqüentemente, para os outros, tais como as instituições, profissionais de outras áreas, etc, que, no entanto, não reconhecem plenamente a nossa função.

Durante o presente trabalho defenderei a Arte com ‘a’ maiúsculo. Portanto, considero que a Arte não se separa. Eu considero todas as artes igualmente importantes e que se deve questionar a respeito do ensino de todas elas. Se a Arte e a Cultura são os elementos que caracterizam e identificam todos os povos, em um país como o nosso, com marcas tão vivas, como pode o ensino da Arte sobreviver tão desvalorizado? Por que na escola esses elementos não têm essa valorização e esse papel? Precisamos interrogar a nós mesmos como sociedade brasileira: o que fazemos pela nossa Arte e nossa Cultura? O que fazemos pela representação da nossa Cultura?

O acesso à cultura é primordial na educação formal, pois ela possibilita a expressão das criações e das aptidões, sejam manuais, corporais, estéticas, intelectuais ou morais (CEB – EI/DF, 2010, p. 39).

Como referência teórica, faço uso de autores de diferentes áreas, como Lev Vigotski (Psicologia e Pedagogia), Hilton Japiassu (Filosofia), João Francisco Duarte Junior e Natalie Rogers (Psicologia e Arte), e, ainda, o livro *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa* (com capítulos de diferentes autores), alguns artigos e textos. Todos esses me inspiraram, uns são citados diretamente, outros não, mas nem por isso influenciaram menos no processo.

A escrita dessa monografia se baseou em uma trajetória reflexiva, construída ao longo do curso de licenciatura. Foi um processo de envolvimento sensível, percebendo quais questões me traziam inquietações e reflexões em relação às minhas vivências em sala de aula como estudante, observadora e estagiária. Passei pela maior parte dessas experiências em Brasília, o que instigou uma necessidade, nesse trabalho, de lembrar a proposta na construção da Capital em relação ao ensino, o que se concretizou ou não, o que o foi proposto e, no entanto, não acontece, e se por isso existe uma utopia ou não.

O presente trabalho tem como objetivo também revalorizar o ensino da Arte na escola e conseqüentemente renovar as motivações dos educadores da área. É preciso inquietar-se. Estar satisfeito com a própria condição não transforma ser humano algum.

# CAPÍTULO I - UMA HISTÓRIA DE TRAJETÓRIAS E CONTEXTOS

## 1.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO ENTRE A ARTE E A EDUCAÇÃO

Um ano antes de concluir o bacharelado, eu já havia solicitado a Dupla Habilitação pela Universidade de Brasília em Licenciatura. Confesso que, *a priori*, não tinha plena consciência de qual seria o desafio. Entretanto, a cada semestre cursado na Licenciatura, surpreendi-me com meu desejo de estar ali, estudando e aprendendo cada vez mais sobre os processos de educação, de tomar conhecimento dos fundamentos que servem de apoio para a estruturação da nossa sociedade e perceber a importância que a Arte pode ter para o desenvolvimento humano.

Gostaria de discorrer sobre a minha formação no bacharelado, em que me graduei em 2º/2010. A necessidade de citar essa parte da minha formação é de poder considerar meu próprio processo educacional, o qual me despertou para o processo educacional do outro. As minhas participações, observações e impressões durante a minha formação em Arte foram fundamentais, ofereceram-me uma posição de reflexão e autonomia em relação ao sistema educacional e ao ensino da Arte.

O processo da diplomação em Interpretação Teatral (Artes Cênicas – Bacharelado) exige a defesa de um trabalho de conclusão de curso escrito individualmente, no qual se faz uma abordagem teórica relacionada ao trabalho prático de diplomação. A prática é realizada pela turma de alunos formandos, que juntos fazem a encenação de uma peça, podendo ser a montagem de textos integrais ou adaptações de autores teatrais já conhecidos e publicados, pode ainda ser uma adaptação de conto, crônica, livro, filme ou então a elaboração de um texto novo pelo próprio grupo.

No ano da diplomação da minha turma, a Capital Federal completou os primeiros cinquenta anos, depois dos cinco anos de mandato de Juscelino, foi ano eleitoral e de Copa do Mundo de Futebol. Com isso, fomos motivados a criticar as condições que a cada quatro anos a sociedade brasileira se encontrava: no primeiro semestre o Brasil para de funcionar em função dos jogos da Copa do Mundo, além disso, há uma redução de investimentos e distribuições de verbas governamentais. Isso, comumente, ocorre porque no segundo

semestre, com a Eleição Federal, os políticos querem ser reeleitos, garantindo e mantendo suas posições e facilidades dentro do governo.

Eu e mais quatro formandos elaboramos e montamos o espetáculo *A porca faz anos!*, projeto dirigido pela professora do Departamento de Artes Cênicas, Felícia Johansson<sup>2</sup>. Então, Brasília era a nossa porca que fazia anos, foi uma festa no estilo dos antigos Teatros de Revista<sup>3</sup>, com música, dança e histórias cruzadas, foi a nossa homenagem à cidade. O espetáculo também fazia referência à construção de Brasília, a sua burocracia instalada, ao sistema não funcional, aos escândalos e às intrigas políticas, mas lembramos ainda da profecia, de sua beleza e arquitetura.

Durante esse período de observação e busca, pude assumir uma posição individual sobre o projeto e, para a escrita da monografia, adaptei e processei essas etapas, a partir do que eu vivenciei e absorvi, como sendo de meu domínio. A todo momento, pude reafirmar minhas impressões, sensações, relatos, descobertas e também compartilhar o que o grupo estava fazendo durante a construção de *A porca faz anos!*. Escrevi em primeira pessoa, sem me “reinventar”, ou seja, forçar a escrever algo com a qual não tivesse afinidade, não neguei quem sou, o que eu faço ou qual é a minha estética. Portanto, tive propriedade das minhas palavras, da mesma forma que pretendo fazer nesse novo estudo.

Naquele mesmo ano, cursei a disciplina de Psicologia da Educação, com a professora Sandra Ferraz, na Faculdade de Educação, um dos requisitos para o grau de licenciado. No primeiro dia de aula, já nos foi solicitado a leitura de *Dibs: Em busca de si mesmo* (AXLINE, 1997). A história é sobre um menino que precisou passar por um processo psicoterápico para poder superar suas dificuldades pessoais, que abrangiam seu envolvimento social (na escola, principalmente) e em casa. Apesar de o livro ter como foco o personagem infantil, o momento da narrativa que atraiu minha atenção foi quando a mãe de Dibs aparece no consultório da psicóloga que atendia seu filho e, por um breve momento, desabafou informações importantes que nos fazia entender que a complexidade do problema de Dibs era na verdade a relação dos pais com ele.

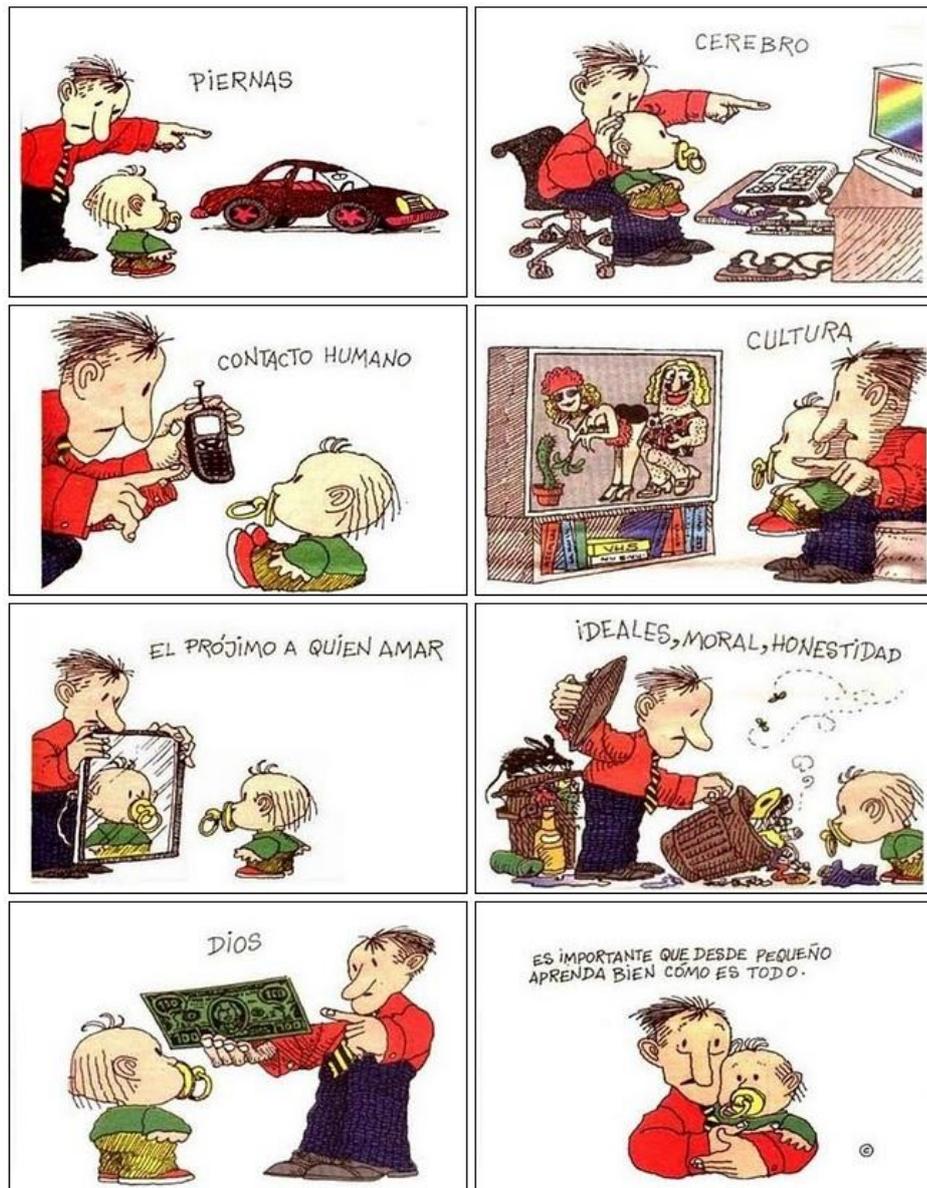
Nesse momento da leitura, ficou claro para mim que o problema dessa criança não era ela em si, mas sim o processo de educação na família que, levou ao desenvolvimento de

---

<sup>2</sup> Diretora teatral e atriz autora, seus trabalhos geralmente são centrados em: interpretação teatral com base no físico e na gestualidade, humor, dramaturgia, pesquisa e educação. Graduada e mestre pela Universidade de Brasília, e doutora em teatro pela School of Arts and Education, Middlesex University, Londres.

<sup>3</sup> Gênero teatral não mais realizado no Brasil, vigorou entre os anos 1860 a 1940. Uma das principais características do Teatro de Revista é aludir aos acontecimentos sociais e políticos de um contexto cultural específico. É um estilo que consegue abraçar variados temas e gêneros teatrais nos diferentes quadros apresentados em esquetes, números musicais, textos dramáticos ou quadros de fantasia.

certos tipos de comportamentos e sentimentos. O convívio da criança dentro de casa refletia uma dificuldade de convívio escolar e que, por isso, Dibs foi encaminhado às sessões de psicoterapia com uma psicóloga que trabalhava com ludoterapia<sup>4</sup>. Essa condição do personagem me instigou tanto que levei para os semestres seguintes esse sentimento, principalmente depois que fiz a leitura da frase: “Todos estão preocupados com o mundo que vamos deixar para nossos filhos, mas poucos estão preocupados com os filhos que vamos deixar para o mundo” (Anônimo, domínio público) e ainda com a seguinte charge do autor argentino Quino:



<sup>4</sup> Ludoterapia: “Pode ser descrita como uma oportunidade que se oferece à criança de poder crescer sob melhores condições. Sendo o brinquedo seu meio natural de auto-expressão lhe é dada a oportunidade de, brincando, expandir seus sentimentos acumulados de tensão, frustração, insegurança, agressividade, medo, espanto e confusão” (AXLINE, 1972, p.14).

Diante desses fatores citados, comecei a esboçar o meu tema de monografia, pois tinha interesse de entender o processo de educação da criança na sociedade contemporânea, que apresenta troca de valores (como destaca o cartunista). Mas os meus estudos não estavam concluídos, ainda passaria por novas experiências.

Durante o primeiro semestre de 2011, cursei três disciplinas relacionadas à educação que foram fundamentais para concepção e realização do trabalho de estágio supervisionado: (1) Seminário Interdisciplinar, disciplina de preparação para o projeto de monografia; (2) Fundamentos de Desenvolvimento e Aprendizagem, disciplina que trabalha as características e os determinantes do desenvolvimento durante a infância e a adolescência; os fenômenos básicos de aprendizagem simples e complexa, verbal e social; relação ensino-aprendizagem; e (3) Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 1, estudo da legislação pertinente à arte-educação e ao ensino de teatro na educação formal; análise dos aspectos formais da organização do estabelecimento educacional: projeto político pedagógico, a comunidade interna e externa, as instâncias colegiadas, os projetos extracurriculares.

Por influência das instigações do processo criativo de *A porca faz anos!*, dos conteúdos aprendidos com as disciplinas supracitadas, da minha trajetória como estudante e formação como cidadã, fui percebendo a relação cíclica da sociedade, da educação que é passada dos pais para os filhos, ao longo das gerações que fizeram com que o nosso ‘hoje’ seja da forma como é.

Com as indicações das leituras dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), dos Currículos da Educação Básica (CEB), das Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), fui motivada a questionar estruturas rígidas que regem o nosso país além do campo da educação, como também na saúde, política, cultura, segurança e outros, que não funcionam propriamente como ditam as regras.

Esse é um questionamento que realça um aspecto dicotômico das políticas: a diferença do que se fala e o que se faz. O que ‘se fala’ é o que consta por escrito o que deveria acontecer, e o que ‘se faz’ é o que percebemos como realidade. Assim como no projeto de *A porca faz anos!* foram destacadas as características de Brasília, quero, com o presente projeto, fazer o mesmo, mas dentro das perspectivas educacionais.

Lembrando o contexto de contestação do espetáculo, quero considerar que Brasília, cidade planejada, teve um projeto específico para a educação, idealizado por Anísio Teixeira, que ia ser implantado na capital. Desse modo, fui estimulada a tomar conhecimento além da LDB, PCN e CEB, que são documentos atuais, e saber quais foram os documentos que

regeram a formação das escolas em Brasília. Assim, tomaria conhecimento de mais um desacordo: o que era para Brasília ter sido e o que é.

## **1.2 A CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS QUE FIZERAM O NOSSO CONTEXTO: BRASÍLIA, UMA RELAÇÃO DE TEMPO E DE ESPAÇO**

O livro *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa* trata do resultado de pesquisas feitas por professores e alunos da UnB em que, através de estudos dos registros da história de Brasília, são descritas as mudanças das condições educacionais vividas na Capital Federal, desde a construção até os dias atuais.

Por meio dessa leitura e das histórias do período do planejamento e construção da capital, compreendemos e entendemos melhor esse processo que passou por limitações dos diferentes governos, portanto considere importante rememorar momentos da cidade que tiveram o envolvimento de profissionais da educação, os quais são referência até hoje.

A intenção de escrever a respeito de Brasília é de reconhecer que atualmente, 52 anos depois da inauguração da cidade, somos consequência do que em 1960 tinha-se como “projeto a longo prazo”, o que naquela época seria um futuro distante. É importante lembrar que naquele período era proibido por lei a reeleição, portanto Juscelino Kubitschek teve a oportunidade de cumprir apenas um mandato, sem a possibilidade de dar continuidade ao seu Plano de Metas.

Todavia, para que fosse viabilizada a construção da capital no interior do país, foi exigido pelo Congresso Nacional um sistema educacional de qualidade. Os responsáveis para a realização de tal tarefa foram Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Preocupados em reorganizar as estruturas tradicionais educacionais, reformando o ensino dos níveis básico ao superior, tinham como objetivo oferecer aos indivíduos a emancipação social mediante a cultura. A educação foi escolhida como meio para realizar a inclusão social, gerando um sistema democrático de acesso igual para todos, um exemplo que servisse para o sistema educacional em todo o país, vejamos o que disse Martins (2011, p. 232):

com ênfase na necessidade de trabalhar em função de um novo currículo escolar, um novo programa e um novo professor, para oferecer aprendizagens envolvendo atividades de estudo, trabalho, vida social, recreação e jogos, visando às múltiplas dimensões da vida, numa abordagem interdisciplinar.

Em conformidade com o projeto urbanístico de Lúcio Costa e das propostas de Anísio Teixeira, Brasília foi estruturada e planejada para funcionar logisticamente de forma prática, pois perto das residências teriam escolas, sistema de parques infantis, praças de recreio, clubes sociais e comércio. As crianças poderiam ir a pé às aulas, percorrendo curtas distâncias e com a menor interferência de tráfego de veículos possível, pois em cada quadra teria uma escola primária. No caso das escolas secundárias, frequentada por jovens e adolescentes, estariam em pontos de fácil acesso, assim como as igrejas, os cinemas e o comércio (PEREIRA & ROCHA, 2011).

Para compor o sistema de educação de Brasília foram criadas três diferentes instituições escolares: (i) Centros de Educação Elementar, constituído pelo Jardim de Infância, Escola Classe e Escola Parque; (ii) Centros de Educação Média, destinados à Escola Secundária Compreensiva e ao Parque de Educação Média; (iii) Universidade de Brasília, composta de Institutos, Faculdades e demais dependências destinadas à administração, biblioteca, campos de recreação e desportos (TEIXEIRA *apud* PEREIRA & ROCHA, 2011).

A opção pelo termo *centro* deu-se por considerar que não se trataria apenas de salas de aula numa escola, mais sim locais que conjuntamente formariam um ambiente propício para o convívio escolar, social, artístico, cultural e recreação, envolvendo os principais elementos para a formação do cidadão e do profissional.

Para Anísio era vital oferecer à criança dentro da escola a experiência fiel ao convívio em sociedade, dando oportunidade de estudo, preparação, cultura, cidadania, desenvolvendo habilidades que preparariam um novo homem para uma sociedade moderna. Sua crítica à educação tradicional é que ela representava o Brasil como uma subcultura dos portugueses, para mudar esse sistema educacional era necessário romper com o modelo colonial, de caráter enciclopédico e uniformizador que, ainda tinha como prática métodos de memorização, a imposição de conhecimentos inertes e o formalismo das notas e dos exames (TEIXEIRA *apud* PEREIRA & ROCHA, 2011).

Desse modo, ele não tinha como meta criar uma escola que funcionasse circunstancialmente, buscava realizar uma mudança efetiva que integrasse o indivíduo e o seu ambiente, favorecendo a expansão de horizontes intelectuais apoiados no uso de uma educação em tempo integral (VASCONCELOS, 2011). Compondo essa proposta a passagem da criança pelo Centro de Educação Elementar se daria da seguinte forma: dos 4 ao 6 anos, ela seria iniciada na escolarização, no Jardim de Infância; dos 7 aos 14, frequentaria em um

turno a Escola Classe e no turno complementar a Escola Parque. Portanto, um ensino integral em que essas duas últimas se complementariam.

A Escola Parque propriamente, no projeto original de Anísio Teixeira, seria destinada a atender, em dois turnos, alunos em atividades de iniciação para o trabalho em pequenas oficinas de artes industriais – tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cartonagem, bordado, etc – além da participação em atividades artísticas, sociais e recreação – música, dança, teatro, pintura, exposições, grêmios, educação física (PEREIRA & ROCHA, 2011). A Escola Parque foi uma concepção que auxiliaria na solução da educação primária. O projeto pioneiro foi na cidade de Salvador, em 1950, e anos depois na cidade do Rio de Janeiro.

Infelizmente, o projeto em Brasília só conseguiu seguir com as oito horas de ensino, durante os anos 1960 e 1961. Em 1962, o projeto já começou a se tornar inviável, pois só havia o funcionamento de uma instituição desse caráter e já existia uma demanda excessiva de vagas. A NOVACAP – Comissão Urbanizadora da Nova Capital – não havia viabilizado a construção das outras Escolas Parque (hoje existem cinco, sendo que originalmente seriam vinte e oito no Plano Piloto e entorno). A Escola Parque passou a atender durante duas horas cada Escola Classe, para poder atender toda a demanda.

Atualmente, a Escola Parque é destinada a oferecer atividades intercomplementares ao currículo desenvolvido em Escolas Classe e em Centros de Ensino Fundamental, como: propiciar ao aluno o acesso ao conhecimento e desenvolver suas habilidades nas áreas de Educação Física e Arte: artes visuais, artes cênicas, música e literatura dramática<sup>5</sup>. Os atendimentos às Escolas Classes acontecem uma vez na semana, no contra-turno, e além disso as Escolas Classes não são mais obrigadas a enviar seus alunos a uma Escola Parque, elas optam se querem fazer parte do sistema integrado ou não.

Como é sabido, em 1964, o país passou a viver sob regime de ditadura militar. Em Brasília, as consequências foram significativas, pois a nova cidade não havia tido tempo para firmar suas bases. Foi uma fase que se tem poucos registros, isso certamente se deu porque o projeto do sistema educacional divergia daquela imposta pelo governo opressor. Muitos foram perseguidos e pressionados, outros desapareceram e foram mortos, Anísio Teixeira estava na lista dos militares, seus projetos foram diluídos, propósitos alterados, inclusive a mudança do papel da Escola Parque foi uma medida tomada em 1971 pela ditadura.

---

<sup>5</sup> Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, 5ª. Ed – Brasília, 2009.

No campo da educação, ressoa a crise existencial do país e interrompe-se bruscamente a implantação do projeto de Teixeira, a partir de atos de repressão ideológica, da demissão de professores e da redução do turno integral (VASCONCELOS, 2011 p. 129).

Voltando ao contexto geral da educação, percebo que a leitura do livro nos indica que as queixas que se tinham em relação à estrutura de ensino, na década de 50, antes do surgimento da nova proposta, são as mesmas que se tem hoje. Ao longo do percurso, a escola em Brasília deixou de ser uma inovação no sistema, enquadrando-se novamente aos moldes tradicionais. Por isso tomo a liberdade para dizer que a oportunidade de fazer nascer na nova capital uma nova estrutura, foi sendo boicotada por conservadores. Hoje, vemos que o ensino privado prevalece na capital, diferente da convicção de Anísio de que “somente a escola pública – comum, gratuita e laica – promove oportunidades iguais aos indivíduos, mediante a oferta de educação para todos” (PEREIRA, 2011, p.57).

Diante dos desvios do projeto original e das execuções propostas, retorno à questão proposta no prefácio do livro: O que restou desse sonho? Essa pergunta reforça a ideia de que a possibilidade de uma nova educação sempre foi um sonho, chegou perto de ser uma verdade, mas do contrário a pergunta seria: O que restou daquela realidade? Graças à ousadia de pioneiros, hoje, persistem algumas características daqueles desejos de gerar uma nova educação como uma nova criança, desenvolvendo-se e fortalecendo a cada passo, a cada ano.

Seria possível imaginar como seria Brasília se ela existisse como estava no papel? Seríamos capazes de refazer essa educação? Teríamos forças para reestruturar uma cidade que já saiu do berço? Meu objetivo com essas questões é de sugerir que a função do brasiliense seja interrogar a corrupção de ideais e buscar as origens de sua cidade. Isso faz parte da minha utopia, que Brasília seja ainda a terra prometida.

Passado essa investigação da história da Capital Federal e seus idealizadores, explico o valor e conhecimento das leituras dos textos que deixam claro o retrato do decorrido e, refletem uma imagem do que é a educação dos dias de hoje. Com isso, sigo para o próximo passo: atualidades do cotidiano escolar.

## **CAPÍTULO II - VOLTANDO À ESCOLA**

### **2.1 MINHA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: VIVÊNCIAS NA ESCOLA PARQUE E NA ESCOLA CLASSE**

Voltar a frequentar a escola, no entanto não como aluna da instituição, gerou em mim dúvidas e anseios. O mundo era (e ainda é) minha inspiração. Assistir às situações do dia a dia e notar que algo de incerto acontecia com a educação, fez-me questionar os caminhos que têm sido tomados pela sociedade. Eu desejava perceber como se davam as divergências entre os ensinamentos passados na escola e aqueles que são afirmados em casa e já me propunha a desenvolver estudos para a monografia.

Durante o meu primeiro estágio supervisionado, optei em observar, entender e interpretar como acontecia o ensino da Arte, ponderando entre três pontos de vista: o professor, o aluno e os pais. A pesquisa do estágio consistiu também em buscar esclarecimentos da relação dos familiares com a educação dos filhos, portanto a relação dos responsáveis com a escola, considerando a disciplina de Arte.

Quis compreender qual era o entendimento de educação da Arte por parte dos pais e quais conflitos eram gerados a partir da compreensão de educação de cada uma das partes (pais, alunos e professores). Por meio desses fatores supracitados, indaguei se o desenvolvimento humano pela Arte acontecia de forma satisfatória, isso significava perceber se, com a educação que lhe era oferecida, o aluno desenvolvia suas potencialidades.

Portanto, optei por realizar o meu processo de estágio da seguinte forma: estar presente no ambiente da escola, nesse caso o campo de pesquisa foi a Escola Parque 303/304 Norte, para observar e, evitando ao máximo interferir no meio como ele existe. Busquei vislumbrar como a estrutura já estava organizada; como era a relação dos alunos com os professores; como era a realidade do dia a dia escolar e quantos pais chegavam a entrar na escola para procurar falar com os professores ou coordenadores.

Ao longo das vinte horas de estágio na Escola Parque, assisti a aulas de turmas de 1ª a 8ª séries, de professores de diferentes linguagens (artes cênicas, artes visuais e música), tive a oportunidade de também presenciar as preparações para a Festa Junina, que ocorreu no dia 22 de junho de 2011. Isso possibilitou que eu testemunhasse o envolvimento da escola na

realização de um evento que atinge a comunidade e também a participação e presença dos pais e responsáveis nessa data comemorativa.

Durante o processo, conversei com os professores a respeito de todas as características que envolvem o desenvolvimento dos alunos, bem como, o interesse deles em estar em sala de aula. A partir desses encontros e por meio de conversas informais, percebi que seria necessário o desenvolvimento de um questionário (em anexo) para entender melhor como esses professores viam a participação dos pais de seus alunos em relação ao ensino de suas disciplinas.

O questionário foi formulado com nove questões mistas, com o objetivo de sanar as seguintes indagações: qual é relação do professor com a instituição, com os pais dos seus alunos? E, qual é a perspectiva que os alunos e seus pais têm do ensino da Arte? O questionário foi entregue a 15 professores, dos quais apenas nove entregaram o questionário respondido.

A primeira questão era relativa ao tempo de professor como educador em espaços formais. A margem de respostas foi entre 10 e 22 anos. A segunda perguntava há quanto tempo trabalhava com o componente Arte. As respostas foram semelhantes à primeira questão (de 10 a 22 anos). Entretanto, houve duas respostas nas quais o período de trabalho com o ensino formal não era o mesmo de ensino do componente Arte: um deles trabalhava há 20 anos com o ensino formal e há 5 anos com o componente Arte, e a outra resposta era de 17 anos no ensino formal e 12 anos com o componente Arte.

A terceira pergunta era relativa ao tempo de trabalho naquela instituição (Escola Parque 303/304 Norte). As respostas variaram entre 2 e 11 anos, com a exceção de um dos profissionais que estava na instituição por contrato temporário havia quatro meses. Essas três questões iniciais ajudam a entender como cada professor está fixado (ou não) dentro dos moldes do ensino formal em geral. Se sempre esteve vinculado ao ensino das Artes e há quanto tempo está contextualizado dentro do Projeto Político-Pedagógico da escola.

As questões quatro e cinco não tinham como objetivo criar uma estatística, mas sim fazer um levantamento de como os professores percebiam a participação e nível de escolaridade dos pais. Analisando a questão quatro, que pergunta sobre a participação dos pais na escola, a ordem de respostas foi:

- 1º. aparecem somente quando são chamados;
- 2º. não procuram a escola, nem mesmo para justificar as ausências dos filhos.

- 3°. não procuram a escola, mas participam das reuniões;
- 4°. só por meio de perda de vaga ou perdas de benefício (como o PBF<sup>6</sup>);
- 5°. procuram a escola apenas para justificar as ausências;
- 6°. procuram a escola e acompanham o desempenho dos filhos.

Com a ordem gerada anteriormente pode-se dizer que, em geral os professores acreditam que a presença dos pais não é muito frequente e ainda são poucos os pais que de fato se dedicam a acompanhar o que está sendo ensinado e qual é o desempenho dos filhos.

A questão cinco, que perguntava sobre a formação dos pais, gerou certa inquietação nos professores, pois não sabiam responder com precisão por não terem nenhum conhecimento a respeito da formação dos pais. Mas, como a intenção não era gerar números estatísticos, foi explicado a eles que, com base na convivência que tinham com os pais, qual nível de educação eles acreditavam que estes pais teriam. As respostas coletadas mostraram que os professores acreditavam que é mais comum os pais terem somente o Ensino Fundamental ou Médio e que poucos teriam o Ensino Superior.

A questão seis perguntava o que era mais frequente: os pais elogiarem o ensino da escola ou “criticarem”? Pontuando as repostas, pode-se ver que o que acontece é:

- criticam, mas por não procurar conhecer o trabalho que está sendo feito;
- os poucos que aparecem costumam elogiar, alguns interessados em saber o que acontece com os filhos;
- são poucas as visitas.

A seguir estão destacadas as respostas à questão 7, sobre como os professores veem a importância atribuída ao ensino das Artes pelos alunos:

- pouca importância, a grande maioria acha que é somente diversão;
- a grande maioria gosta, mas não vê a importância, pensam que estão aqui para brincar;
- é uma observação subjetiva. Quando o aluno se vê realizando algo que ele não imaginava ser capaz, ele sente orgulho de si mesmo;

---

<sup>6</sup> Programa Bolsa Família

- o fato de haver disciplinas específicas de artes (plásticas, cênicas e música) faz com que os alunos desenvolvam suas habilidades e compreendam o universo da Educação Artística, dando-lhes direito e maior autonomia em suas escolhas;
- desprezam a disciplina, acham que é um componente curricular desnecessário.

A questão oito perguntava como os professores percebem a importância atribuída ao ensino das Artes pelos pais, e algumas das respostas foram:

- pouca importância, a grande maioria acha que é somente diversão;
- apreciam os trabalhos, porém não se interessam pelo processo pelo qual o trabalho foi produzido;
- não parecem valorizar, já que raramente procuram a escola;
- acham importante para a formação do filho;
- acham importante para ocupar o tempo dos filhos para não caírem na marginalidade.

A última questão abordava a relação do ensino das Artes com o modelo da Escola Parque, do ponto de vista do professor. As respostas ficaram centradas nos seguintes comentários:

- é o melhor lugar para o professor de Artes: turmas pequenas, mais materiais, ambientes próprios, várias linguagens abordadas;
- profissionais respeitados e valorizados;
- o modelo deveria ser possível a todos os alunos do Ensino Fundamental;
- o modelo sofre incompreensões por parte da comunidade;
- a Secretaria de Educação tenta cobrir “rombos” administrativos, sem solucionar propriamente os problemas existentes tornando o trabalho o pedagógico difícil;
- muitas vezes é necessário professores de outras áreas terem que suprir as carências por falta de profissionais (contratação temporária);
- deficitário.

As observações e a realização de um questionário exploratório ajudaram-me a ter um retrato, uma noção geral, acerca ensino da Arte dentro dessa Escola Parque. Também foi

fundamental essa vivência, pois me instigou a procurar e questionar como acontecia o ensino da Arte nas outras escolas públicas do Ensino Fundamental que não são vinculadas às Escolas Parque e, também, como seriam essas mesmas relações dentro das escolas particulares. Além de questionar se era possível uma relação mais eficaz entre pais e educadores em prol do desenvolvimento humano.

Um aspecto notório da rotina escolar era a dificuldade geral (tanto por parte dos professores em sala de aula, como da direção e coordenação) em manter a ordem, ou seja, cuidar de todos os imprevistos que acabavam acontecendo dentro e fora da sala de aula: aluno que se machuca, ou que se ausenta da sala de aula, os que faltam, as brigas, os roubos, pichações e outras infrações. Com essa experiência percebi como a escola pública é um sistema prejudicado, por ter a necessidade de estar em boas condições e de obter mais recursos para oferecer educação de qualidade.

A falta de investimento nesse setor faz com que a escola não consiga se atualizar na mesma velocidade que a sociedade e sua relação com novas tecnologias, que vêm interferindo nas questões de envolvimento, informação e conhecimento. Isso faz com que a escola seja “démodé”, seja um sistema ultrapassado diante da rapidez das mudanças, ao mesmo tempo, há a falta de incentivo ou de interesse à formação continuada para profissionais qualificados e a manutenção dos espaços físicos.

No semestre seguinte, para realizar as propostas sugeridas na disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 2, os alunos foram orientados a buscar instituições que pudessem acolher suas propostas. Com a indicação da Professora Fabiana Marroni, procurei a Escola Classe 415 Norte e solicitei uma vaga como estagiária. A possibilidade surgiu na turma de primeiro período, que estava sob a responsabilidade da Professora Marisa Cunha. Com isso, na semana seguinte, passei a estagiar na primeira turma da escola, primeiramente observando a rotina escolar e auxiliando a professora em sala de aula e posteriormente realizando exercícios com os alunos.

A partir dessa experiência fui percebendo que querer questionar o envolvimento dos pais na educação dos filhos seria muito difícil, além de ser uma situação bem delicada. Eu não conseguiria, no curto tempo que tinha, criar uma relação de proximidade e confiança para ter a liberdade de abordar os pais e obter respostas sinceras, para isso seria necessário que os pais, além de exaltar as colaborações/contribuições positivas, também refletissem suas possíveis falhas em relação à educação e aos estímulos dados aos filhos.

Cada família é um contexto, portanto, não teria a pretensão de querer ditar valores, apenas reconhecer quais são, de forma geral, os valores que estão sendo construídos e estimulados e, como isso impacta no desenvolvimento da criança em relação à escola. Desse modo, os pais passaram a ser um dos focos de percepção e não mais de pesquisa.

Para reestruturar o meu projeto e saber como faria a realização da prática, continuei com a metodologia de fazer observações, porém tendo em vista que faria uma futura intervenção. Para isso, ao estar no ambiente da sala de aula, quis saber qual era a estrutura organizada, ver como era a relação dos alunos com a professora, como era a realidade do dia a dia escolar.

Mesmo que meu estudo não estivesse mais direcionado para a relação dos pais com o desenvolvimento dos filhos considerando o ensino das Artes, não deixei de querer perceber quantos pais chegavam a entrar na escola para procurar falar com a professora, e também saber como era a presença dos pais fora do horário escolar, como por exemplo, em encontros de pais e mestres.

Portanto, com a mudança de foco de pesquisa, para realizar a prática tive que passar por outras considerações. Assim, me concentrei no desenvolvimento da criança, na intenção de introduzir a consciência da importância da manifestação artística para a formação da cidadania. As referências para a elaboração dessa parte do trabalho foram os Objetivos Gerais do Ensino Fundamental nos Parâmetros Curriculares Nacionais (texto em anexo), que engloba cidadania, socialização, conhecimento, cultura, respeito e outros aspectos.

Passado o período de observação, eu tive embasamento de como as relações se davam para poder trabalhar com as crianças em sala de aula, sabendo que a idade na turma variava de três a cinco anos de idade. A proposta da minha prática no estágio foi com o interesse de afirmar que o aprendizado também é um processo corporal, uma vez que a cada ano que a criança avança na escola, o aprendizado se estabelece como um exercício mental. Portanto, eu tinha como objetivo estimular a criatividade e expressividade, trabalhando também o desenvolvimento psicomotor da criança, por meio de atividades de potencialidade lúdica, realizando exercícios que aumentassem a percepção do corpo dentro do espaço que ocupa, executando exercícios de interação, sensibilização e conscientização.

Elaborei o meu projeto de regência com o acesso ao Currículo da Educação Básica – Educação Infantil/Distrito Federal (CEB – EI/DF). Esse documento não faz menção direta às Artes Cênicas, apesar de trabalhar com vários elementos que englobam facilmente o fazer teatral, alguns dos tópicos eram: ludicidade; formação pessoal e social; identidade e

autonomia; conhecimento de mundo; movimento; música; artes visuais; linguagem oral e escrita; natureza e sociedade; matemática. Posteriormente, identifiquei trechos que se familiarizavam com a minha proposta, pois queria que meu trabalho estivesse em harmonia com o que é sugerido às instituições e ao trabalho do professor. Segue abaixo os mais importantes:

Se a brincadeira é, efetivamente, uma necessidade de organização infantil ao mesmo tempo em que é o espaço de interação das crianças, quando estas podem estar pensando/imaginando/vivendo suas relações familiares, as relações de trabalho, a língua, a fala, o corpo, a escrita [...], então esta brincadeira se transforma em fator educativo se, no processo pedagógico, for utilizada pela criança para sua organização e trabalho (WAJSKOP, 2007, apud CEB – EI/DF, 2010, p. 46).

[...] o eixo Movimento contempla habilidades motoras básicas indispensáveis ao desenvolvimento global da criança, divididas em dois blocos: coordenação/equilíbrio e expressividade (CEB – EI/DF, 2010, p. 60).

De 4 a 5 anos de idade, a criança apresenta movimentos mais eficientes e complexos, toma consciência das características e das partes de seu corpo, sendo capaz de verbalizá-las.

O/A professor/a deve evitar o uso de exercícios grafo-motores (seguir linhas pontilhadas, traçadas, reproduzir figuras geométricas, dentre outras) que busquem aquisição precoce da escrita. Getman apud Fonseca (1987) sugere o desenvolvimento das habilidades motoras globais (andar, correr, saltar etc.).

Participando diariamente de brincadeiras, jogos, esportes, danças e ginásticas, a criança apropria-se de forma contextualizada de habilidades motoras fundamentais, conhece melhor o seu corpo e amplia suas possibilidades de interação com o mundo (CEB – EI/DF, 2010, p. 61 e 62).

Para começar a realizar atividades em sala de aula, resgatei exercícios que já conhecia, a fim de trabalhar com elementos que diferenciavam as coisas comuns do espaço escola convvidos por eles e despertar movimentos que envolvessem todo corpo. E em seguida, desenvolver os exercícios gerando novos significados, as atividades propostas foram:

- alongamento das partes do corpo:
  - dinâmica: corpo e gesto + espaço (limite real: até onde o corpo alcança sem sair do lugar; amplitude dos movimentos);
- dinâmicas trabalhadas na brincadeira do monstrinho:
  - reação corporal: como é o corpo do monstrinho? (uma vez que as crianças se encontram com um corpo diferente, como se comportam?);
  - espaço: o grupo todo junto ou separado (ocupação do espaço);
  - desconstrução do espaço: mesa vira montanha, túnel, ponte;

- imaginação 1: formas gestuais no espaço (balão);
- imaginação 2: espaços diferentes (visualização e exploração de espaços inventados: pântano, praia, túnel do trem, montanha)
- imaginação 2.1: espaços com texturas diferentes (sensações diferentes: lama, areia, água, etc.)

Meu plano de ação foi determinar propriamente a melhor forma de fazer as dinâmicas em sala de aula e, seguir com o objetivo de despertar o interesse da criança em relação à Arte e seu crescimento como indivíduo, trabalhando com elementos como a curiosidade, os sentidos, o corpo, a espacialidade e temporalidade, a apreciação, entre outras possibilidades.

Considerando que minha permanência na turma era limitada, que eu era um membro externo àquela turma e não era a professora titular, busquei um meio de trabalhar com os alunos em sala de aula, envolvendo-os em exercícios através de dinâmicas em que as crianças respondessem às propostas, sem que julgassem que o estivessem fazendo. Dessa forma, tive um resultado positivo, pois as crianças sentiam afinidade com o que era sugerido, realizando os exercícios de forma natural, sem a necessidade de saber se o que estava sendo executado era Arte ou não, bonito ou feio, bom ou ruim, ou seja, sem atribuições de valores.

O lúdico é caracterizado pela alegria, pela espontaneidade, pela liberdade, pela auto-realização. Proporcionar a brincadeira na Educação Infantil é a garantia de uma possibilidade de educação da criança em uma perspectiva criadora, inclusiva e consciente.

É preciso brincar! Durante a atividade lúdica a criança experimenta uma das poucas oportunidades de ser plena, compreende o mundo e as ações humanas nas quais se insere cotidianamente (CEB – EI/DF, 2010, p. 47).

O estágio é uma aprendizagem e uma experiência. É uma habilitação para uma nova fase, um investimento na formação, um aperfeiçoamento profissional e, portanto, são válidos todos os medos e inseguranças que nos preparam para o desafio maior. Com a passagem pelas etapas de estágio, ver, pensar e realizar atividades que favoreciam o desenvolvimento infantil, fez com que eu diferenciasse o universo da teoria e o da prática, reconhecendo novas possibilidades e adaptações que faziam com que acontecessem as interações com as crianças.

## **2.2 REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS NA ESCOLA: QUAL A FUNÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO**

As atividades que realizei em sala de aula com a turma de primeiro período do Ensino Fundamental tiveram uma resposta positiva, porque as crianças correspondiam às propostas

da “brincadeira do monstrinho”, forma como a dinâmica foi apelidada pela turma. Acontecia da seguinte maneira: começava pelos alongamentos, naturalmente havia uma execução conhecida de movimentos, aos poucos solicitava que as crianças explorassem o espaço no seu limite de alcance. Em seguida, orientava-os a fazer movimentos giratórios com as articulações de pulso, braço, pernas e bacias até surgir uma posição que lhes era estranha. Com isso tínhamos o corpo do “monstrinho”.

Uma vez que tinham esse corpo “reconfigurado”, convidava-os a um passeio pela floresta, pântano, praia, etc. Durante a execução, surgiam propostas por parte das crianças: quando eu sugeria que estávamos caminhando na floresta e que estava à noite, logo elas associavam com perigo e logo afirmavam que havia uma bruxa na floresta.

O percurso passava por vários lugares: por dentro do túnel (debaixo da mesa da professora); por cima da montanha (agachadas atravessavam por cima das mesas pequenas); se ao chegarmos à praia a areia estava quente, era porque fazia muito sol; e se fazia sol, conseqüentemente, estava calor e assim alguns queriam entrar no mar para andar de *jet ski*. Tudo isso acontecia sem sair da sala de aula, ou seja, havia a sugestão de imagem, temperatura, luminosidade, textura, etc., e as crianças, por conta própria, associavam com eventos correlacionados e surgiam novas propostas, todas a partir da imaginação. Vigotski (2009) afirma que a imaginação é essencial para a aprendizagem efetiva, especialmente nessa fase, em que o pensamento ainda não está dominado pela linguagem discursiva e pela língua escrita.

Os educandos reagiram com espontaneidade em suas participações, a resignificação dos objetos em sala de aula e disponibilidade de abertura para inserirem situações que já eram conhecidas por eles foram elementos importantes para o sucesso do exercício. A afinidade com as novas ideias imaginárias que afloravam naturalmente alteravam seus corpos e suas formas de expressividade. O ‘fingir que é’, o ‘faz de conta’ aconteciam sem precisar ser dito, a sala de aula já era outro mundo.

A dramaticidade não era um recurso muito usado na turma, porém é uma linguagem muito apropriada de se trabalhar com as crianças, pois faz uso dos outros elementos de linguagem para se compor:

O outro motivo que aproxima a criança da forma dramática é a relação desta com a brincadeira. Dada a raiz de toda criação infantil, o drama está diretamente relacionado à brincadeira, mais do que qualquer outro tipo de criação. Por isso, é mais sincrético, ou seja, contém em si elementos dos mais variados tipos de criação. Nisso, aliás, reside a maior preciosidade da

encenação teatral da criança, que fornece prova e material para os mais diferentes tipos de criação infantil (VIGOTSKI, 2009 p. 99).

A importância que atribuo a esse trabalho é de dar evasão aos potenciais criativos para a formação da mente. Vigotski (2009) valoriza esses estímulos e ressalta que se esses elementos da brincadeira não são estimulados durante as fases iniciais do desenvolvimento, ao chegar na fase adulta, será mais difícil abstrair situações hipotéticas. Por isso,

É importante que o/a professor/a crie espaços, disponibilize materiais, observe as formas de aprender e pensar das crianças, seus interesses e sua sociabilidade, aproveitando desses momentos para compartilhar das brincadeiras na intenção de oportunizar a ampliação do conhecimento de mundo (CEB – EI/DF, 2010, p. 46).

Considero que as experiências de estágio são vitais na compreensão da prática do exercício do professor, do funcionamento das instituições e das dimensões subjetivas da aprendizagem, ao trabalhar com indivíduos em formação. Foi possível perceber também, dentro das experiências relatadas, como a Arte é colocada dentro processo de aprendizagem e desenvolvimento do estudante, conforme os relatos dos professores nos questionários.

De acordo com a leitura dos textos dos CEB – EI/DF e PCN 1º e 2º ciclos, é possível abranger o conhecimento a respeito da história e importância do Ensino da Arte nas escolas. Além disso, há referências teóricas para falar sobre o desenvolvimento infantil. No caso do CEB – EI/DF, foram usadas como fonte três teóricos: Henri Wallon, Lev Vigotski e Jean Piaget. Mas, para valorizar a prática que realizei em sala de aula, recorri ao trabalho de Vigotski, porque acredito que sua pesquisa é a que melhor se identifica com os meus estudos, por considerar a imaginação e a criação parte fundante do processo de aprendizagem e desenvolvimento na infância.

De acordo com esse autor, é importante que o educando seja incentivado ao longo de todo processo educativo. Pois ciente das fases de transição de interesse, em que a criança ou o adolescente vai perdendo o interesse em uma linguagem por uma questão autocrítica, seria possível trabalhar a subjetividade juntamente à objetividade do conhecimento, características da formação adulta. Nas escolas, é possível perceber que essa transferência de valores também acontece por parte dos pais que passam a valorizar mais a assinatura do filho quando começa a aprender a escrever e descarta o desenho que está no mesmo papel.

A criança e o adolescente estão em formação constante e são influenciados pelo meio externo, isso inclui suas vivências em casa, na escola e em outros ambientes sociais

frequentados por eles, em contextos culturais e históricos. Para a imaginação não é preciso talento, ela é o destino de todos, em maior ou menor grau. Há aquelas crianças que manifestam uma maturidade mais precocemente, no entanto a criação é companheira normal e constante do desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2009, p.51).

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKI, 2009 p.14).

A reflexão acima descreve que a criação de um trabalho individual ou em grupo é marcada por uma necessidade e não uma “genialidade”, as invenções mais comuns foram criadas a partir da imaginação, por meio de combinações e correlações a fim de concretizar algo que ainda não era possível. De acordo com Vigotski, o ser humano vive circundado de *imaginação cristalizada*. Por isso que se estimula a imaginação e a criação na infância, para que a criança seja capaz de elaborar situações fictícias e fantásticas que auxiliem na compreensão da realidade.

As vivências passadas durante o primeiro e o segundo estágio, foram fundamentais para a correlação entre os documentos escritos e a ação prática. Importante também é conhecer os autores que desenvolveram seus trabalhos na área, questionando e instigando mudanças. A junção do meu processo educacional com as experiências em relação à educação do outro e a escola, foram geradas as minhas próprias suposições e propostas, como segue no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III - LEVANDO O BARCO AO PORTO

### 3.1 CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA

A trajetória até o presente momento narrado representa a união do estudo teórico com a prática. A junção dessas experiências gerou conhecimento, perspectivas, vislumbres e várias perguntas: E agora, seria possível implantar uma nova educação? Seria possível criar um novo sistema educacional que contemplasse verdadeiramente as visões de Anísio Teixeira? A estrutura da escola integral sugerida por ele, do trabalho conjunto entre a Escola Classe e Escola Parque, poderia ser realizado também em escolas particulares?

É evidente que responder a essas perguntas não é uma tarefa fácil. Entretanto, quero propor um desafio: se houvesse uma campanha publicitária “a Brasília que era para ter sido”, divulgando as diferenças e as oportunidades do ensino, será que a população se mobilizaria em prol de um ensino de qualidade? Eu me pergunto: os pais tomariam essa frente pelos filhos? Talvez a população não se manifeste de forma enfática em função do desconhecimento do projeto original, das oportunidades que haviam sido sonhadas para a capital e para o desenvolvimento dos cidadãos brasilienses. Mas, acredito que a divulgação dessas informações conscientizaria a sociedade e motivaria todos a questionarem também as medidas que são tomadas hoje.

Com base na primeira experiência de estágio, passei a considerar quais seriam as desmotivações dos professores ao dar aula e dos alunos ao terem que aprender. Observo que as queixas de professores é que a Arte está em um ponto de desvantagem em relação ao conteúdo das matérias eleitas como “importantes” na escola. Essa visão é prejudicial não só à motivação do professor, mas às possibilidades de aprendizagem das crianças. A subvalia das artes na escola pode acontecer, como já foi sinalizado em muitas outras fontes, por vários motivos: pela hierarquia das disciplinas; pela falta de recurso para as aulas; pela falta espaço destinado ao ensino das Artes. Nas conversas informais sobre o papel da aula de artes na escola, professores relatam que ao chegarem às instituições de ensino o professor se sente completamente desmotivado para dar aula, por estar dentro de um sistema que restringe a sua atuação, por exigir um cronograma em que a escola precisa atingir estatísticas, ou seja, que se desenvolva um trabalho quantitativo e não qualitativo. Essa condição põe em evidência a falta

de uma preocupação formativa dos educandos e a arte, por ser uma experiência estética singular, parece não fazer sentido aos gestores da educação.

É comum que as pessoas que cercam os arte-educadores, como outros funcionários da mesma instituição, os próprios educandos, ou mesmo os pais, não reconhecem o trabalho realizado pelos profissionais da área artística, acreditando que eles oferecerão apenas uma aula de recreação, isso demonstra a falta de entendimento e compreensão do que seja Arte-Educação. Com isso quero reafirmar o valor de se ensinar a Arte.

Inclusive podemos verificar essa defasagem se observarmos o número de professores das diferentes disciplinas em uma escola. É comum encontrar dentro do sistema particular de Ensino Médio, por exemplo, três professores de matemática, três de física, três de química e um de artes. Este vai ter que se encarregar de todo o contexto histórico da Arte, transformando a arte em conteúdo objetivo, perdendo o seu caráter estético e formativo essencial ao desenvolvimento humano.

Nas aulas de Artes Visuais, por exemplo, que começa com a arte rupestre e vai até arte pós-contemporânea, pós-moderna, pós, pós, pós... e sempre todo ano tem que começar da estaca zero, toda hora é preciso lembrar a História da Arte. Por que acontece esse movimento de desvalorização do processo de aprendizagem nas Artes? Não seria relevante despertar para a valorização das aulas de Artes em relação às instituições de ensino e também em relação aos pais para que pudessem amenizar essas diferenças entre as matérias? No texto *A experiência docente e a expressão de si* (EISNER, 2008, *apud* PONTES, 2010), Pontes diz que Eisner:

[...] situa temporalmente a educação como uma área que se estabeleceu numa “plataforma de conhecimento cientificamente fundamentado” em que as artes hierarquicamente ocupavam um lugar inferior, recorria-se às artes quando não havia ciência para fornecer a direção. No início do século XX a “ciência era considerada fiável, o processo artístico não. A ciência era cognitiva, as artes eram emocionais. A ciência era ensinável, as artes requeriam talento. A ciência podia provar-se, as artes eram questões de preferências. A ciência era útil, as artes ornamentais”.

Na hierarquia entre as disciplinas, a Arte na maioria das vezes só acaba sendo valorizada quando ela dá algum retorno de *status*: “venha ver a apresentação da minha filha no final do ano”. Como os pais tendem a não fazer acompanhamento do processo do ensino da Arte, o que por fim importa mais é o resultado e sua qualidade: uma pintura, uma peça, uma apresentação musical etc. Mas, se do contrário houvesse acompanhamento por parte dos pais, haveria contentamento independentemente do resultado e de sua qualidade, pois outras

características seriam observadas, como a evolução do desenvolvimento do corpo e do intelecto, a interação do educando em sala e em outros ambientes sociais, a percepção da criança para outras composições: obras de arte, músicas, coreografias, encenações, etc.

A Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988 dispõe que a responsabilidade da educação da criança é do Estado e da família, com apoio da sociedade. É frequente perceber que os pais têm transferido a responsabilidade da educação completa à escola e, por conseguinte, aos professores. Os educadores não se ausentam da responsabilidade do ensino, mas é função dos pais se colocarem na posição de autoridade para os filhos reconhecerem limites.

Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.<sup>7</sup>

As vantagens para o aluno são: conhecer e fazer trabalhos artísticos que ajudam na compreensão de si e do outro; criar relação com o tempo, assim como com espaço que o cerca; estímulos à criação e imaginação; consciência corporal, valorização da expressão e estar ciente para as possibilidades de aprendizagem. É possível trabalhar esses conhecimentos, a partir da experiência e do olhar artístico, que fortificam a formação básica do educando como cidadão, para que assim os jovens cheguem ao ensino médio correspondendo ao que é recomendado pelo PCN + (Ensino Médio):

Os conhecimentos artísticos e estéticos são necessários para que a leitura e a interpretação do mundo sejam consistentes, críticas e acessíveis à compreensão do aluno. Além de contribuir para o desenvolvimento pessoal, tais saberes podem aprimorar a participação dos jovens na sociedade e promover a formação de sua identidade cultural (PCN+ Ensino Médio, p. 179).

### **3.2 UMA PROPOSTA PARA SER DESENVOLVIDA – VAMOS PENSAR JUNTOS?**

A proposta de Anísio Teixeira oferecia uma mudança de fora para dentro, pois diante da construção da nova capital ele pode criar um novo sistema e a partir disso os profissionais da área teriam novas dinâmicas de ensino e, o educando novas formas de aprendizado (um

---

<sup>7</sup> Constituição Federal da República Federativa do Brasil – 1988, com a incorporação da EMENDA 14, Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I - Da Educação.

novo homem para a nova modernidade). Mas, agora que as instâncias estruturais de ordem macro, tanto física quanto normativas estão rigidamente estabelecidas, seria possível pensar na mudança de dentro para fora, conscientizando educandos, pais e profissionais? Essa proposta teria que funcionar como uma filosofia de vida, todos internalizando as novas ideias para que sirvam como guia da educação. É um projeto de construção de novos valores e possibilidades para a arte na educação.

Defendo que é possível integrar o ensino. Isso significa que, a partir dessa possibilidade, a criança ganharia muito mais em desenvolvimento e interesse; a aprendizagem passaria a ser mais efetiva uma vez que incorporaria os processos de criação e imaginação; a criança teria muito mais possibilidades de compreender outras questões e matérias que, posteriormente, levariam-na a uma especialidade. Tudo isso, em função de um pensamento integrado, conectado na experiência de aprendizagem. Como diz Rubem Alves, no prefácio de *Fundamentos Estéticos da Educação de Duarte Junior*. (1988, p.12): “A questão é repensar a educação sob a perspectiva da Arte. Educação como atividade estética...”. Então, tudo poderia ser trabalhável por meio da Arte a partir do sensível, independente se a pessoa tem mais facilidade com disciplinas de exatas ou com disciplinas de humanas.

A estrutura de educação integral proposta por Anísio Teixeira fortaleceria o ensino em dois sentidos. Primeiro, porque assim os educandos teriam tempo para formar “hábitos de vida, de comportamento, de trabalho e de julgamento moral e intelectual (e não de adestramento para passar em exames)” (TEIXEIRA *apud* PEREIRA & ROCHA, 2011 p. 171). Outra função seria de criar uma escola como uma comunidade, priorizando a participação, “cujo desenvolvimento torna necessário que haja material de ensino com abundância e trabalho de professores preparados de forma acentuadamente profissional” (PEREIRA & ROCHA, 2011 p.172).

Minha hipótese é que com um possível sistema uno, integrado, associado, o educando teria mais fluidez no aprendizado e em seu desenvolvimento, compreendendo e interligando os assuntos de forma que faria mais sentido. A criança entende melhor o que acontece, se aquele universo que está sendo apresentado a ela é passível de correlações e identificações de semelhanças com elementos que já são próprios de sua rotina.

Em uma entrevista, Natalie Rogers<sup>8</sup>, filha de Carl Rogers<sup>9</sup>, conta sobre um caminho alternativo para o aconselhamento e para a educação. Sua pesquisa foi aprofundar os estudos

---

<sup>8</sup> A Dra. Natalie Rogers é pioneira na terapia de arte expressiva e realiza treinamentos na Europa, Rússia, América Latina, Japão e Estados Unidos. A Dra. Rogers é formada na área e tem trabalhado como psicoterapeuta. (ROGERS, 2003)

do pai e inserir nela o contexto artístico: Artes Expressivas Centradas na Pessoa. Segundo ela, entende-se por arte expressiva a utilização da arte nas suas mais variadas formas para expressar os sentimentos internos, momento em que o aluno é encorajado a “explorar o campo das emoções humanas”, mas sem dar valor comercial ao resultado. A finalidade não é produzir arte com qualidade de venda, é permitir “desenvolver um sentido positivo do *self*”.

As crianças necessitam de um ambiente onde os pais e as escolas podem dizer: “Posso compreender e aceitar todos seus sentimentos, mas deve aprender a controlar seu comportamento”. Os sentimentos de raiva são normais, aceitáveis e está tudo bem, mas não é permissível descarregar esses sentimentos sobre os outros ou sobre si mesmo. [...] Cada vez mais compreendemos a necessidade de agrupar os processos que integram todos os aspectos do *self*: corpo, mente, emoções e espírito. Falando de maneira simples, não podemos integrar o *self* sem envolver todos seus aspectos. Não nos tornamos criativos ao pensarmos sobre a criatividade, despertamos nossa criatividade ao nos envolvermos no processo criativo em si (ROGERS, 2003 p.2 e 3).

Na educação, a expressão, as maneiras de como se diz o conteúdo, é significativo dos valores, expectativas e desejos investidos nas situações de aprendizagem. Diz também dos sujeitos que ali se comunicam, diz de sua cultura e da cultura da escola. No entanto, nem tudo que é “conhecível” é articulado expressivamente de forma proporcional e havemos que aprender com arte sobre os limites das nossas linguagens e, por que não acrescentar, sobre a superação desses limites (PONTES, 2010 p.5).

Em minha opinião, a educação pode partir de um princípio de unicidade. Por que não se faz um ensino que seja mais integrado, em que não haja tantas divisões de disciplinas? Por que ao chegar aos últimos anos da escola o direcionamento das matérias e disciplinas é para passar no vestibular? Nós vivemos em um sistema de consumo que tende a direcionar o pensamento das massas e também criar especialidades: você é especialista nisso. Mesmo depois da crítica às novas organizações sociais e industriais no filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, o mundo não reavaliou a sua condição e continuou na direção dessa “evolução”. Por meio desses questionamentos, da minha sensibilidade, percebi esses reflexos do nosso mundo atual na escola.

Dessa forma, acredito que podemos repensar a fase atual que a escola vive e dar alguns passos para trás, não em relação ao modelo antigo de ensino, mas sim em relação à sensibilidade do ser humano, reestabelecendo o contato com a natureza humana dos sentidos,

---

<sup>9</sup> Carl Rogers, psicólogo americano, criou a Abordagem Centrada na Pessoa - ACP, estudo que parte do pressuposto básico de que o ser humano possui uma capacidade inata que lhe impulsiona para a frequente tentativa de progredir, assim sendo, encontram-se dentro de si todos os mecanismos necessários para lidar consigo e com o outro.

para poder ganhar mais, por retomar um lado que é sensível do *ser humano* e deixar de *ser máquina*. E dar outros passos para frente, para a escola colocar como meta a educação da sensibilidade, reavaliando quais são as prioridades no ensino. Pois faz parte da essência de todos serem despertados para a sensibilidade, o qual se baseia em dois conceitos: perceber e sentir, que estão ligados aos nossos sentidos vitais (primitivos), e por isso, reconhecer a sensibilidade como algo pertencente ao processo de aprendizagem.

A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas ainda e principalmente na âmbito familiar de nossa vida cotidiana. Desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade (DUARTE JUNIOR, 2001 p.13-14).

Caso eu estivesse em uma circunstância em que estaria dando aula para uma turma de jovens ou adolescentes, perguntaria aos alunos: Qual é a sua Arte? Primeiro: qual é a referência que ele tem do que seja a Arte? E qual o convívio que ele tem, se é que ele percebe que tem convívio? Qual música ele escuta? O que é dança? O que é teatro? Essa estrutura seguiria em diante para instigar o aluno a refletir como a Arte já existe em seu cotidiano e a partir disso criar suas referências em relação aos contextos históricos, sociais, culturais anteriores que fizeram surgir a Arte que ele conhece hoje.

Eu, como formanda em Artes Cênicas – Licenciatura, tenho como responsabilidade me preocupar com o corpo e a mente dos educandos, uma vez que discordo que educação é um processo mental, do pescoço para cima. É preciso defender o corpo, a mente e a arte como unos para nos salvar da crise contemporânea dos sentidos, não deixar que haja uma sobreposição da ciência ao saber sensível.

E agora, quando a programação industrial da sociedade busca dissolver nossas identidades locais, não seria oportuno contrapor-se a ela um projeto educacional que valorize exatamente a ligação do indivíduo com sua realidade mais imediata, realidade (cultural) na qual ele aprende a sentir e se expressar? (DUARTE JUNIOR, 2001 p.21).

Diferente de ser uma geração de “informação” (com acesso fácil à mídia, e ainda: Google, YouTube, Facebook, Wikipédia, etc) e anestesiada, prefiro participar da formação de uma geração que seja verdadeiramente abastecida culturalmente, desenvolvendo habilidades, aptidões, cidadania, tornando-se pessoas versáteis, criativas, visionárias, fortes, independentes

(e não individualistas). Essa é a realidade que eu quero: a sociedade da solução, sem mais crises, incompreensões, guerra, corrupções: *“since wars begin in the minds of men, it is in the minds of men that the defences of peace must be constructed”*<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Constitution of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2012, p. 5.

## CONCLU(INDO) - QUE CAMINHO TOMAR?

Apesar das referências contemporâneas, é válido lembrar que a manifestação artística é mais antiga do que qualquer ciência. Foi através da expressividade e da formação de linguagens que, várias civilizações contaram suas histórias e criaram suas danças, músicas, encenações, seus ritos e suas religiões. Por meio da Arte é possível reconhecer os vários povos não mais existentes, pois a arqueologia pode identificar diferentes trabalhos arquitetônicos ou então manuais, como artefatos do dia a dia, ou mesmo perceber as técnicas de produção de tecidos e a costura das roupas.

A Arte também foi grande referência social, com a qual se poderia determinar as hierarquias em impérios, reinados, sistemas governamentais. Hoje, como a Arte é múltipla, ela pode ser vulgar, diferente, estranha, sem sentido, grotesca e por isso distanciar as pessoas de outras qualidades de arte. O importante é trabalhar tudo que ela é, da forma que ela puder instigar mais o ser pensante, dar forma como for materializada, seja uma peça, um concerto, uma música, performance, instalação, um filme, quadro, vídeo-arte, livro, etc.

Através dessa pluralidade, estimular o educando a uma aprendizagem universal, a um conhecimento sem limitações, a uma visão de mundo preparada e consciente das relações sociais, de uma futura necessidade de trabalho e envolvimento profissional. Mas principalmente, que cada jovem cidadão saiba de sua Cultura, sua História, saiba os valores cultivados em sua Sociedade.

Como estudantes de licenciatura, somos desafiados (de forma positiva) pela universidade para lidarmos com as situações de sala de aula ainda na condição de universitários. O mundo real da educação exige muito cuidado, e carinho também. A ideia do que seja a educação se difere ao passarmos da teoria para a prática. Estarmos presentes em sala de aula, observando o exercício diário do professor e também realizando atividades com os alunos, deixa-nos a postos e atentos às necessidades da educação.

O exercício da prática do professor é trabalhoso, de responsabilidade e cuidados minuciosos. Para ser professor é preciso muita sensibilidade para com seus alunos. O espaço e a instituição devem corresponder positivamente às suas necessidades. O educador deve estar aberto ao mundo e seus avanços para melhor contextualizar os educandos.

Com isso, percebemos as sutilezas da realidade escolar. É preciso preparação e saber seguir as fases de desenvolvimento das crianças, para que os resultados sejam os mais satisfatórios possíveis. Deixar germinado em cada criança a semente do querer saber e aprender com todo o corpo. Assim como espero ter sido para as crianças durante a minha experiência de estágio.

Apesar de sabermos que Brasília é hoje a falha de execução de um projeto, a Escola Parque não deixa de ser, para a escola pública, uma oportunidade de trabalho dentro da área artística. A chance de se construir uma educação pura, sem influências de estruturas rígidas pré-estabelecidas se perdeu, tornando-se assim uma utopia, sem funcionar como exemplo para o resto do país. Mas, ainda assim, como seria possível fazer acontecer agora a educação como Anísio Teixeira desejou?

Com isso, digo que está mais do que na hora de cogitar úteis e diferentes possibilidades para o ensino público, visando à democracia e à formação do ser social consciente, pois nós, atuais educadores, que percebemos o ensino, possuímos as mesmas reclamações de mais de cinco décadas atrás.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AXLINE, Virginia. **Ludoterapia**: a dinâmica interior da infância. Belo Horizonte: Interlivros, 1972/1947.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais + ensino médio**: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais – linguagens, códigos e suas tecnologias [S.l: s.n].
- DISTRITO FEDERAL. **Currículo da educação básica – educação infantil**. Brasília, 2010.
- DISTRITO FEDERAL. **Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**. 5. ed. Brasília, 2009.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1988.
- DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **O Sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MARTINS, A. F. O ensino de artes nas Escolas Parque. In: PEREIRA, Eva Waisros, *et al* (Orgs.). **Nas Asas de Brasília**: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964). 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 231-251.
- MORAES, R. A. de; WIGGERS, I. D. Anísio Teixeira: educação, tecnologia e produção. In: PEREIRA, Eva Waisros, *et al* (Orgs.). **Nas Asas de Brasília**: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964). 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 63-79.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Constitution of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization**. Paris: Unesco, 2012.
- PEREIRA, E. W. As raízes pragmatistas da educação do Distrito Federal. In: PEREIRA, Eva Waisros, *et al* (Orgs.). **Nas Asas de Brasília**: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964). 1. Ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 48-62.
- PEREIRA, E. W.; ROCHA, L. M. F. Anísio Teixeira e o plano educacional de Brasília. In: PEREIRA, Eva Waisros, *et al* (Orgs.). **Nas Asas de Brasília**: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964). 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 27-45.

PEREIRA, E. W.; ROCHA, L. M. F.. Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral. In: PEREIRA, Eva Waisros, *et al* (Orgs.). **Nas Asas de Brasília: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, v. , p. 161-178.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. A experiência e a expressão em si. In: Encontro Da Associação Nacional De Pesquisadores Em Artes Plásticas – “Entre Territórios” 19, 2010. **Anais**. Cachoeira, BA, 2010.

ROGERS, Natalie. As artes expressivas centradas na pessoa: um caminho alternativo no aconselhamento e na educação. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, no. 2, vol. 5. Entrevista dada em 2003 e concedida para a tradução e publicação. Disponível em: <[http://www.encontroacp.psc.br/entrevista\\_natalie.htm](http://www.encontroacp.psc.br/entrevista_natalie.htm)>. Acesso em 31 jan. 2011.

**TEMPOS MODERNOS**. Direção, produção e roteiro Charles Chaplin. EUA. Charles Chaplin Productions/United Artists. 1936 (89 min), mudo, preto e branco.

VALE, Ana Cristina Rodrigues. **Jogando com Vygotsky**. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/paginas/revista/Jogando%20com%20Vygotsky.htm>>. Acesso em 31 jan. 2011.

VASCONCELOS, M. P. de A. **A utopia de Brasília: urbanidade cosmopolítica**. In: PEREIRA, Eva Waisros, *et al* (Orgs.). **Nas Asas de Brasília: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 121-141.

VIEIRA, Marcilio de Souza. **Desafios do ensino da arte**. Disponível em <<http://www.pucrs.br/mj/artigo-desafios-do-ensino-de-arte.php>>. Acesso em 31 jan. 2011.

VIGOTSKI, Lev S.. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo : Ática, 2009.

## ANEXOS

### ANEXO I

PCN 1º e 2º ciclos, p.5.

### OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam como objetivos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

## ANEXO II

### QUESTIONÁRIO

O objetivo dessa pesquisa tem como foco colher dados para o desenvolvimento da minha monografia, que busca relacionar o envolvimento dos pais/comunidade com o meio escolar.

1. Você trabalha há quanto tempo como educador em espaços formais?

---

2. Você trabalha há quanto tempo com o componente de Arte?

---

3. Você trabalha há quanto tempo nesta instituição?

---

4. Como você vê a participação dos pais na educação dos seus filhos? Enumere de um a seis na ordem em que as seguintes situações acontecem com mais frequência:

- Não procuram a escola, mas participam das reuniões;
- Procuram a escola apenas para justificar as ausências;
- Só por meio de perda de vaga ou perdas de benefício (como o PBF);
- Procuram a escola e acompanham o desempenho dos filhos;
- Aparecem somente quando são chamados;
- Não procuram a escola, nem mesmo para justificar as ausências dos filhos.

5. Qual é o nível de escolaridade dos pais? Enumere de um a sete na ordem em que as seguintes situações acontecem com mais frequência:

- Ensino superior completo;
- Ensino superior incompleto;
- Ensino médio completo;
- Ensino médio incompleto;
- Ensino fundamental completo;
- Ensino fundamental incompleto;
- Não tem estudos.

6. O que é mais frequente: os pais elogiarem o ensino da escola ou criticarem?

---

---

---

---

---

7. Como você percebe a importância atribuída pelos alunos ao ensino das artes?

---

---

---

---

---

8. E pelos pais?

---

---

---

---

---

9. Como você, professor, entende a relação do ensino das artes com o modelo da Escola Parque?

---

---

---

---

---

Nome (opcional): \_\_\_\_\_

Cargo: \_\_\_\_\_

Área de formação: \_\_\_\_\_

Área de ensino: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Mora em qual Setor Administrativo: \_\_\_\_\_